



## QUASE SERES HUMANOS: UMA ANÁLISE DO CONTO “COISAS”, DE SARAMAGO

FIORUCI, Wellington R. (UTFPR-Pato Branco)<sup>1</sup>  
MORAES, Carla D. (UTFPR-Pato Branco)<sup>2</sup>

**RESUMO:** Publicado em 1978, o livro de contos *Objecto quase*, de José Saramago, está formado por seis narrativas com acentuado tom político e alegórico, traço emblemático da poética desse autor português. Nesse sentido, é possível estabelecer três grandes eixos temáticos sob os quais se estrutura a obra, sendo eles a ficção política, o texto lírico e a ficção social. O presente artigo pretende focar sua análise no quarto conto, intitulado “Coisas”, que vem a compor o terceiro eixo temático já citado. A escolha deste conto se deve à sua construção tão singular quanto representativa da literatura saramaguiana. Singular na medida em que cria um espaço surreal, no qual objetos e pessoas vão assumindo funções atípicas, a ponto de haver a inversão de papéis entre ambos. A despersonalização humana e a inusitada humanização dos objetos demonstram, por conseguinte, a crítica do autor em relação à sociedade consumista contemporânea. **PALAVRAS-CHAVE:** *Objecto quase*; José Saramago; narrativa fantástica; narrativa político-alegórica; literatura contemporânea.

**RESUMEN** Publicado en 1978, el libro de cuentos *Objecto quase*, de José Saramago, está formado por seis narrativas con acentuado tono político y alegórico, rasgo emblemático de la poética de ese autor portugués. En ese sentido, es posible establecer tres grandes ejes temáticos bajo los cuales se estructura la obra, siendo ellos la ficción política, el texto lírico y la ficción social. El presente artículo pretende focar su análisis en el cuarto cuento, intitulado “Coisas”, que viene a componer el tercer eje temático ya citado. La elección de este cuento se debe a su construcción tan singular como representativa de la literatura saramaguiana. Singular en la medida que crea un espacio surreal, en el cual objetos y personas van asumiendo funciones atípicas, a punto de haber la inversión de papeles entre ambos. La despersonalización humana y la inusitada humanización de los objetos demuestran, por consiguiente, la crítica del autor en relación a la sociedad consumista contemporánea. **PALABRAS CLAVE:** *Objecto quase*; José Saramago; narrativa fantástica; narrativa político-alegórica; literatura contemporánea.

Para mim o mundo é uma espécie de enigma constantemente renovado. Cada vez que o olho estou sempre a ver as coisas pela primeira vez. O mundo

tem muito mais para me dizer do que aquilo que sou capaz de entender.

José Saramago

O já saudoso escritor lusitano José Saramago, premiado com o Nobel de literatura em 1998, pregava, em sua litania literária e em toda sua longa existência, que toda mente crítica tinha a obrigação de não se calar diante das mazelas do mundo. Sua vasta produção é, nestes termos, um grito de libertação contra uma sociedade fadada ao silêncio (e também silenciamento) de seus intelectuais.

Em sua poética, este mantra ideológico se repete com variações tonais e de compasso: ora caminhando para uma linguagem que metaforiza mais diretamente o discurso histórico, como nos casos de obras como *Memorial do convento* (1982) e *A história do cerco de Lisboa* (1989), ora tendendo para um viés alegórico, como nos casos de *A jangada de pedra* (1986) e *Ensaio sobre a cegueira* (1995).

Obviamente, tentar sistematizar a complexa poética de Saramago é tarefa inglória e certamente iria requerer mais fôlego do que compete a este artigo. Como encaixar, por exemplo, neste *tour de force* um romance como *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984)? Ou ainda o conjunto pessoal formado pelos *Cadernos de Lanzarote* (1997)? Todavia, compreender que há linhas de força entrecortando a produção saramaguiana auxilia o intérprete a aventurar-se na prosa de reminiscências barrocas e sabor pós-moderno que definem seu construto artístico. Vale, neste caso, a consciência de que a linguagem desse genial português investe na tensão constante a que submete o signo enquanto parte de um amplo processo de ressignificação do mundo, com vistas a consolidar um outro, metafórico, o que nos leva a concluir que “é nos intervalos do indizível que justamente outros mundos emergem” (SEIXO, 1999, p.151).

Em meio à portentosa bibliografia do autor, o livro de contos *Objecto quase* resulta em uma salutar inflexão, sobretudo no que tange ao gênero narrativo. Publicado em 1978, portanto em período anterior aos romances que o consagrariam, esta coletânea de seis textos apresenta o que poderíamos chamar de uma unidade diversificada. Com efeito, as seis narrativas possuem enredos bastante diversos: a fábula de uma cadeira do ditador a ruir-se (“Cadeira”); um carro que parece ter vontade própria (“Embargo”); a construção de um imenso cemitério por ordem de um mandatário (“Refluxo”); uma cidade na qual os objetos desaparecem como mágica (“Coisas”); a vida de um centauro solitário (“Centauro”) e, por fim, a castração de um porco e o encontro de dois jovens em um rio (“Desforra”).

Aparentemente, os contos parecem não apresentar conexão, dada a

variedade de suas composições, com espaço, tempo e enredos particulares, com linguagens também particularizantes. Em termos de espaço-temporalidade, os textos de “Refluxo”, “Coisas” e “Centauro” apresentam uma dilatação narrativa, já que se supõe nestes um arco temporal mais esticado, que se estende à passagem de alguns dias, necessários à construção do cemitério, no caso do primeiro conto mencionado, ao progressivo desaparecimento dos objetos da cidade, no segundo, e à errância e fuga do centauro, no que tange ao último.

Já em “Embargo” e “Desforra” o arco temporal estende-se minimamente, não transcorrendo ao longo da narrativa mais do que algumas horas, neste último, ou um dia, no primeiro, que vai de um amanhecer a outro. No primeiro texto do livro, “Cadeira”, o tempo é extremamente volátil. Todo o processo de destruição da madeira, por obra dos cupins, ocorre em um nível narrativo abstrato, cuja temporalidade é metafórica, pois desprovida de conectores temporais, mas que, por força da simbologia de morte que nele se apresenta, poderíamos inferir que se trata do tempo que durou o poder de Salazar em Portugal.

Diante dessa colcha de tecidos narrativos, em princípio desconexa, é possível, contudo, depreender uma temática que imanta os diferentes enredos e, ao mesmo tempo, os transcende. É necessário, para tanto, abstrair do nível imediato da fábula um fio ideológico que os conecta, já que em todos os enredos há um enfrentamento entre a essência do humano e do não-humano, por trás do qual se pode vislumbrar uma constante do pensamento saramaguiano: “o que eu quero saber, no fundo, é o que é isto de ser-se um ser humano” (SARAMAGO, apud ARNAUT, 2008, p.41).

A tensão entre o ser e o não-ser nos leva a reflexões de ordem histórico-política, sobretudo em “Cadeira” e “Refluxo”; econômico-social, em “Embargo” e “Coisas”, e filosófico-existencial, em “Centauro” e “Desforra”. Estes pares temáticos possuem uma mesma perspectiva, a qual transcende o nível do enredo, ao colocar em questão os valores humanos ou humanistas frente à constante coisificação do homem, a exemplo desta passagem do conto “Coisas”, que será analisado mais apropriadamente na sequência, já que este parece oferecer o mais representativo dos textos quanto à questão política e social transformada em alegoria: “[...] em nenhum dos seis títulos a expressão *Objecto quase* se revela tão apropriada e encontra tamanha radicalização” (SOARES, 2011, p.27).

Os contos que formam *Objecto quase* desenvolvem, como sugere o título, uma análise de como a sociedade tem caminhado rumo a uma desqualificação das diferenças que nos tornam tão únicos em nossa inescapável dimensão afetiva e subjetiva, como se fosse neutralizada ou esfacelada a pluralidade que deveria ser a essência de

toda sociedade. O capitalismo, eficaz nem nutrir e disseminar o individualismo moderno, é atacado metaforicamente pela poética saramaguiana, cujos contos aqui mencionados são uma amostra significativa da ideologia socialista do autor. Os contos são uma espécie de libertação do sufocado grito da “choupanização” contra a impessoalidade da globalização.

Consoante a tais questões, Jozef (2006, p.180) afirma, com pertinência, que a arte progressivamente perdeu sua utilidade em uma sociedade subjugada aos valores impostos pelo consumismo exacerbado, onde a manipulação dos bens de consumo impõe-se na ânsia de tornar infrutífera qualquer manifestação que vá de encontro ao seu sistema. Diante disto, a literatura, viu-se impelida a uma mudança de atitude, reconfigurando-se para ocupar novamente lugar de relevância, explícito nas palavras da autora:

Tomar os elementos da cultura que a sociedade instituiu, reorganizá-los e invertê-los (ou trair) foi um dos processos mais característicos de uma literatura que não se identifica com o que ela é, mas considera seu dever denunciar a alienação que deforma e inibe no ser humano sua verdadeira essência, seus impulsos mais vitais. É esta inversão que chamamos de traição benéfica. Inversão que consiste principalmente em usar contra uma ideologia elementos que ela mesma criou. (JOZEF, 2006, p.180)

Para tal realização, a literatura articula os signos extrapolando os limites da racionalidade e da linguagem convencional, conseguindo construir um discurso de denúncia social de maneira peculiar. Posto isso, observa-se que o conto “Coisas” tem seu enredo alicerçado no universo do fantástico, dado que apresenta objetos com personalidade e vontade própria, criando, assim, uma identificação com o comportamento humano.<sup>3</sup>

A primeira cena do conto é sintomática dos sentidos implícitos manejados com argúcia pelo autor: “A porta, alta e pesada, ao fechar-se raspou as costas da mão direita do funcionário [...]” (SARAMAGO, 2007, p.67). Da maneira como se constitui sintaticamente a oração, com verbo sem flexão em forma de oração reduzida, recai enviesadamente sobre a porta a motivação da ação, já que não há um sujeito, humano obviamente, que a pratica. Diga-se de passagem, é a porta quem abre a oração, posição que cabe em nossa língua, em sua ordem natural, ao sujeito da oração. Reforça-se a leitura na sequência: “[...] disse que era o terceiro caso nesse dia. Causado pela porta.” (SARAMAGO, 2007, p.67). A porta é a causadora da ação, conforme se depreende de forma ambígua, e já escolhera três “vítimas”.

Tome-se no conto outros exemplos, como o sofá com febre ou um relógio que, apesar de indicar com seu “tic-tac” que continua a trabalhar, nunca avança no

horário, que fica parado dez minutos antes do início do expediente, como se ele houvesse escolhido parar por motivação própria, levando-nos a entender que está “vivo”.

Por meio deste universo surreal do texto literário estabelecem-se simbologias que representam a realidade histórica, factual, e desvelam de forma crítica a alienação estrutural imanente ao capitalismo industrial e seus produtos. Tal representação se dá de forma indireta, metafórica, e tem seu efeito possível porque “a narrativa fantástica [...] admite a realidade do que representa.” (JOZEF, 2006, p.182). Desta maneira, configura em signos a expressão do processo de crescente despersonalização inconsciente em meio ao qual se encontra o homem na sociedade de consumo.

Estilisticamente, o autor lança mão de recursos como a prosopopeia para ilustrar a ideia de antropomorfização dos objetos: “O elevador hesitou, como se resistisse ao impulso eléctrico que recebia [...]” (SARAMAGO, 2007, p.94). Os objetos deixam de ser meros utensílios e “se personificam, extrapolam o seu sentido convencional e passivo, permitindo-se adentrar a esfera do absurdo.” (LEMONS, 2000, p.112). De modo oposto, logo no início do texto temos a seguinte referência: “Um cidadão utente foi queixar-se que o sofá aquecia de mais.” (SARAMAGO, 2007, p.68). Associa-se a ideia de cidadão, indivíduo à ideia de utilidade, utensílio. Reforça-se esta estratégia simbólica ao não se nomear nenhum dos personagens, os quais são tratados por suas funções sociais: o funcionário, o enfermeiro, o médico, ou, simplesmente, “o utente”.

A temática do conto denuncia e critica o sistema capitalista, que leva os bens materiais a uma posição de dominação em relação aos seres humanos, aproximando-se muito ao conto “Embargo”, na medida em que se percebe a metáfora “da escravização e destruição do homem pelo objecto, ou melhor, da sua identificação com ele.” (SEIXO, 1979, p.78). O desaparecimento dos objetos do mundo material deixa explícita, conforme o desenrolar da trama, a dependência do ser humano em relação aos bens materiais. À medida que as coisas (objetos, utensílios, máquinas e instalações) começam a sumir, os homens se sentem cada vez mais impotentes, impossibilitados de se impor diante deste universo de matéria que os rodeia.

Assim como nos demais contos de Saramago, em *Objecto Quase* fica clara a “crítica ao desmedido culto e apego aos bens de consumo ou ao poder simbolizado pelos objetos, o que afasta os seres humanos de sua própria existência.” (RAMOS, 2009, p.841). Esse afastamento progride em direção à alienação do indivíduo, que se deixa dominar pelo poder do culto ao material, chegando ao ponto de não se poder distinguir o que é homem, o que é objeto, reflexo do processo de reificação

que é definido pelo “predomínio da coisa, do objeto sobre o sujeito, o homem;” (CROCCO, 2009, p.49).

No momento em que o leitor está praticamente habituado ao contexto absurdo, Saramago insere um momento de tensão, que volta a prender a atenção e causar a sensação de estranhamento, quando os objetos, que até então, à revelia, mostravam pequenas atitudes impróprias para sua natureza, agora passam a ter um comportamento de ataque, ferindo humanos e deixando-os sem rumo, no meio da rua. Pessoas morrem vítimas da desmaterialização de construções, como no trecho em que se comenta que um prédio inteiro desapareceu deixando os moradores mortos e nus. Isso revela um procedimento formal comum ao texto fantástico que, sem deixar de estabelecer relações com a realidade, no momento oportuno, manipula o código linguístico para garantir o efeito surreal intrínseco à narrativa do absurdo:

Não é o fantástico arbitrário que vai ser utilizado em qualquer momento, quando a coisa estiver a fraquejar vamos pôr aqui mais uma injeçãozinha de fantástico para manter o interesse do leitor... Não: o arranque da obra pode ser um elemento fantástico, mas a partir daí as conseqüências têm que ver com o mundo real. (SARAMAGO apud PIRES, 2006, p.119).

Neste contexto, o enredo apresenta associações que aproximam o elemento “coisa” do que é essencialmente humano. Como o desenvolvimento de material orgânico para tratar de ferimentos na pele, o líquido biológico, que possuía as mesmas características da pele humana: “actuava como uma outra pele regeneradora dos tecidos orgânicos e, tal como a pele, respirava”. (SARAMAGO, 2007, p.79).

Quando os objetos passam a desaparecer, causando transtornos aos cidadãos que dependem de seu bom funcionamento, o governo intervém e, para tal, contrata profissionais da área da psicologia, reforçando a ideia de humanização das coisas, reforçando inversamente a coisificação do homem em seu duplo movimento metafórico.

O autor não nomeia os personagens, enfatizando a ideia de impessoalidade proveniente do conceito de coisificação. A sociedade, no conto, era dividida em classes que se assemelhavam às castas. Todos possuíam na palma da mão direita a letra correspondente à sua precedência, em cor verde (inevitavelmente também pensamos nas identificações a que se submetiam as pessoas no período nazista).

Os cidadãos pertencentes às precedências A, B e C eram aqueles que possuíam o maior poder de consumo. Os demais levavam uma vida de pobreza ou limitações. Uma vez nascido em uma das precedências, muito dificilmente esse cidadão conseguiria progredir para outra situação econômica, tendo que viver resignado com sua posição até o fim da vida. O protagonista pertencia à precedência H e por isso

levava uma vida econômica limitada, o que fica bem ilustrado quando é citada a alcatifa, seu objeto de desejo, mas que ele, possivelmente, jamais chegaria a adquirir, tendo que contentar-se em apenas desejá-la ao assistir à propaganda na TV.

Trata-se de uma crítica à busca incessante do homem pelo suposto poder que os bens materiais proporcionam e também ao empenho em, cada vez mais, procurar padronizar e classificar comportamentos e modos de ser, retirando de todos o direito à individualidade. As letras, tatuadas nas mãos, ilustram uma tentativa de “catalogar” os homens, como se fossem objetos numa prateleira. O enredo reforça essa ideia ao citar as “oumis” que haviam alcançado alto padrão de perfeição, anulando qualquer forma de diferenciação entre si: “Tempo houve em que o processo de fabrico tinha atingido um tal grau de perfeição que os defeitos vieram a tornar-se raríssimos [...]” (SARAMAGO, 2007, p.73).

Revela-se a obstinação do homem em produzir bens materiais cada vez mais indispensáveis e, por outro lado, denuncia o papel ao qual o homem moderno vem se reduzindo: ao enquadrar-se no sistema, perde sua autenticidade, tornando-se cada vez mais homogêneo, como em uma produção em série. Consequentemente, só é possível diferenciar uma pessoa de outra quando se é verificado o seu número de fabricação: “[...] em ‘Coisas’, os indivíduos alcançam o extremo de serem identificados por letras que, ao mesmo tempo em que os massificam em classes hierarquizadas, chegam a torná-los máquinas, vítimas de um mundo onde reina o caos da tecnologia.” (LEMOS, 2000, p.111)

O tom fantástico em Saramago consegue derrubar as máscaras e pintar um quadro do homem moderno, “despir até a pele e deixá-lo nu na praça pública da história” (MATOS, 1991), e só então resgata a figura do ser humano genuíno, quando homens nus começam a reaparecer, saindo de seus esconderijos, com o anseio de tudo recomeçar, de não deixar mais que sejam transformados em coisas, procurando recuperar sua essência originalmente humana.

Este desfecho sintetiza a intenção do autor em destacar o processo de reificação sofrido pela sociedade industrial, trazendo à reflexão uma inversão de papéis, na qual o homem se “coisifica”, submetendo-se às normas do consumismo, perdendo, deste modo, sua essência. No momento em que se ia iniciar uma guerra contra as coisas - o “material”, no seu sentido mais amplo - percebe-se que as “oumis”, na verdade, nada mais eram do que os seres humanos autênticos, que se “coisificaram” em função da sociedade capitalista.

O conto “Coisas” alia-se, conforme se pode depreender do exposto, à tradição da literatura moderna que se pautou pela crítica à sociedade por meio da criação de universos extremamente distópicos. Assim, em obras como *Admirável mundo*

*novo* (1932), de Aldous Huxley, *1984* (1949), de George Orwell, *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury e ainda *Laranja Mecânica* (1962), de Anthony Burgess, as distopias criadas são como um alerta para tendências perigosas do comportamento político-social do século XX.

Aos olhos da literatura comparada, trata-se de uma comunhão ficcional entre o mundo lusitano e o mundo anglófono, porém, antes mesmo dessas obras, um escritor russo mais provavelmente tenha sido o responsável por iniciar esta tradição no século passado. *A muralha verde*, escrito em 1920 por Ievguêni Zamiátin, poderia ser entendida como obra seminal da distopia moderna. O romance profetiza o terror de estado stalinista que mais tarde perpetraria o governo da antiga União Soviética. Zamiátin, por sua vez, havia anteriormente escrito prefácios para edições russas dos romances de H.G. Wells, de forma que se funde nesta linhagem as tradições da ficção científica e da ficção política.

O conto "Coisas" alia-se a essas duas tradições, trazendo para este fértil terreno o inconfundível estilo de Saramago, no qual a ficção se transforma em linguagem de denúncia da desumanização dos discursos, das relações sociais mediadas pelo consumo e pelo materialismo. Apesar da atmosfera distópica que se instaura no romance desde o início, a conclusão provoca uma inflexão alentadora: "E um deles disse: - Agora é preciso reconstruir tudo. E uma mulher disse: - Não tínhamos outro remédio, quando as coisas éramos nós. Não voltarão os homens a ser postos no lugar das coisas." (SARAMAGO, 2007, p.103).

Diante desse desfecho, é possível entender que o conto traz à luz a ideologia saramaguiana socialista com uma pitada final de esperança, nutrindo os leitores de fantasia e também de uma inestimável força de vontade em continuar lutando por uma sociedade mais humanizadora.

## NOTAS

<sup>1</sup> Wellington Ricardo Fioruci possui doutorado em Letras pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP-Assis) na área de Literatura Comparada. Atualmente é professor de literatura no curso de Letras da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, câmpus Pato Branco. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Comparada, atuando principalmente nos seguintes temas: pós-modernismo, literatura comparada, teoria literária e literatura hispano-americana. Faz parte do Grupo de Pesquisa Narrativas Estrangeiras Modernas da UNESP, câmpus de Assis. É organizador do livro *Vestígios de memória: diálogos entre literatura e história* (2012), a ser publicado pela Editora CRV. Tem contribuído com artigos em periódicos como *Rascunhos culturais* (UFMT), *Luminária* (FAFUV), *Contexto* (UFES), *Miscelânea* (UNESP) e *Ipotesi* (UFJF).

<sup>2</sup> Carla Denize Moraes é graduanda em Letras - Português e Inglês pela Universidade Tecnológica

Federal do Paraná, câmpus Pato Branco. Atualmente desenvolve projeto de pesquisa na área de literatura contemporânea e literatura comparada sob a orientação do Prof. Dr. Wellington R. Fioruci. Tem atuado no ensino de Língua Inglesa na rede pública e privada.

- <sup>3</sup> Importa, neste sentido, o importante estudo de Horácio Costa "Alegorias da desconstrução urbana" no qual o autor aproxima o conto "Coisas" do romance *Ensaio sobre a cegueira*, mostrando como o primeiro funcionou como ponto de partida para o segundo, na medida em que o fantástico e a simbologia política formam um *tour de force* na poética de Saramago. Cabe a Costa a definição do chamado "período formativo" da ficção saramaguiana.

## REFERÊNCIAS

- ARNAUT, Ana Paula. *José Saramago*. Lisboa: Edições 70, 2008.
- CESERANI, Remo. *O fantástico*. Tradução de Nilton Cezar Tridapalli. Curitiba: Ed. UFPR, 2006.
- COSTA, Horácio. "Alegorias da desconstrução urbana: *The memoirs of a survivor*, de Doris Lessing, e *Ensaio sobre a cegueira*, de José Saramago", In: BERRINI, Beatriz (org.) *José Saramago, uma homenagem*. São Paulo: EDUC, 1999, p. 127-48.
- CROCCO, Fábio L. T. "George Lukács e a reificação: teoria da constituição da realidade social." *Revista Kínesis*. Vol. 1, nº 2, Outubro-2009, p. 49-63. Acesso em 28/02/2012. Disponível em: <<http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/Artigo04.FCrocco.pdf>>
- JOZEF, Bella. *A Máscara e o Enigma*. A modernidade: da representação à transgressão. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 2006.
- MATOS, Joaquim. "Coisas". *Letras e Letras*. Dossiê 49, junho de 1991. Universidade Nova de Lisboa, FCSH. Acesso em 20/07/2012. Disponível em: <<http://www.citi.pt/educult/saramago/coisas.html>>
- RAMOS, Marilúcia M. "A sociedade de consumo como objeto de contos do escritor português José Saramago e do brasileiro J. J. Veiga: confluências temáticas". In: *Anais do XXII Congresso Internacional da ABRAPLIP*, 2009. Acesso em 25/07/12. Disponível em: <[http://www.abraplip.org/anais2009/documentos/mesas\\_tematicas/marilucia\\_mendes\\_ramos.pdf](http://www.abraplip.org/anais2009/documentos/mesas_tematicas/marilucia_mendes_ramos.pdf)>
- SEIXO, Maria Alzira. *Lugares da ficção em José Saramago*. Lisboa: IN-CM, 1999.
- SEIXO, Maria Alzira. "Recensão crítica a *Objecto quase*, de José Saramago", In: *Revista Colóquio/Letras*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, nº 49, maio de 1979, p.77-79.
- SOARES, Marcelo Pacheco. "Saramago quase", In: *Revista Augustus*. Rio de Janeiro: UNISUAM, Ano 16, nº31, fevereiro de 2011, p.22-31.
- PIRES, Cristina Sofia Monteiro dos Santos. *O modo fantástico e a 'Jangada de Pedra' de José Saramago*. Porto: Ecopy, 2006.